



## O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE LARANJEIRAS/SERGIPE<sup>1</sup>.

Roberta Bacellar Orazem<sup>2</sup>

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o patrimônio histórico e artístico da cidade de Laranjeiras, estado de Sergipe. Durante a pesquisa, buscou-se investigar sobre a história de Laranjeiras e sua relação com a cultura dos séculos XVI ao XIX no Brasil. O estudo tomou como base três igrejas - Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba, Igreja do Senhor do Bonfim, Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário -, realizando uma análise artística dos seus altares-mores.

Palavras-chave: altar-mor, patrimônio cultural, arte religiosa, Laranjeiras/SE.

### INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido a respeito dos estudos da arte sacra no Brasil, os pesquisadores desde o início do século XX voltaram-se para as pesquisas da arte do período colonial e, desde então, preocupam-se com a preservação, divulgação e manutenção do patrimônio material, principalmente das igrejas e dos museus. Não obstante, no Brasil se criou o Sphan<sup>3</sup>, que atualmente é chamado de Iphan<sup>4</sup>, onde muitos pesquisadores trabalharam a favor do patrimônio histórico e artístico nacional, nomes como Mário de Andrade<sup>5</sup>, Rodrigo Mello Franco de Andrade<sup>6</sup>, Carlos Ott<sup>7</sup>, entre outros.

A arte barroca no Brasil é um dos temas mais estudados e debatidos pelos pesquisadores na historiografia da arte brasileira. Todavia, constata-se que ainda se tem muito o que pesquisar, há uma lacuna no que diz respeito às especificidades, como um estudo aprofundado na arte sacra de cidades do interior do Brasil, ou às generalidades, como a necessidade da busca constante de documentos primários referentes às igrejas e às irmandades e ordens religiosas aos quais, muitas vezes, acha-se que estão perdidos ou deteriorados.

---

<sup>1</sup> Trabalho pesquisado na disciplina Artes Visuais na Bahia, ministrada pelo professor Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire, do Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes - Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Mestranda em Artes Visuais da EBA-UFBA, e-mail: roberta\_bacellar@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>4</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>5</sup> Fundador do Sphan.

<sup>6</sup> Diretor, por muito anos, do Sphan.

<sup>7</sup> Pesquisador da história da arte baiana e colaborador do Sphan.

Percebeu-se que não só os pesquisadores brasileiros, mas muitos estudiosos internacionais, possuem uma admiração e motivação em pesquisar principalmente o que diz respeito à arte colonial no Brasil, embora haja inúmeros estudos sobre a arte barroca na Espanha e nos países hispano-americanos. No entanto, aqueles estudos concentram-se em locais como Salvador e em cidades de Minas Gerais, tais como Ouro Preto, Diamantina, Sabará, Mariana, Congonhas, dentre outras que são demasiadamente pesquisadas e divulgadas. Dessa forma, muitos pesquisadores ainda destacam uma exuberância, magnitude, singularidade da arte barroca nessas regiões, tanto que impõem títulos os quais, até hoje, utilizam como “Escola Baiana” e “Barroco Mineiro”. Esse fato acaba exacerbando a cultura desses locais, assim, excluindo as demais regiões, ou até mesmo revela uma impressão de que no Brasil, somente na Bahia e em Minas, a arte barroca é autêntica e bela.

Quando os estudos relacionam os demais estilos artísticos da arte sacra, percebe-se um certo desconforto em meio aos pesquisadores, principalmente quando se trata de estilos provenientes do século XIX em diante. Freire (2006) comenta que houve um “preconceito estilístico em vigor nas décadas de 40, 50 e 60 do século XX, que enaltecia o barroco, depreciava o neoclássico e tornava míope a maioria dos estudiosos da nossa arte, impedindo que se enxergassem as virtudes do estilo neoclássico e da estética oitocentista”. Sabe-se que a cultura do século XIX deu continuidade a uma importante produção artística nas igrejas do Brasil.

Tendo em vista essas discussões, é nesse cenário artístico, histórico e religioso que se pretende estudar o patrimônio de Laranjeiras/SE, pois esta é uma cidade no estado de Sergipe pouco ou nada pesquisada pela historiografia da arte brasileira, fato lamentável porque a localidade possui um considerável acervo artístico e inclusive seu sítio histórico e seu patrimônio material são tombados pelo Iphan<sup>8</sup> e pelo Governo do Estado de Sergipe<sup>9</sup>. O patrimônio da cidade até o momento está ora esquecido, ora

---

<sup>8</sup> O processo consta no Arquivo Noronha Santos do IPHAN: “Laranjeiras, SE: conjunto arquitetônico e paisagístico (Laranjeiras, SE) Descrição: Laranjeiras é considerada a segunda cidade mais antiga do Estado de Sergipe, sendo a sua fundação datada de 1605. Em 1808 a povoação de Laranjeiras contava com cerca de 600 fogos na sede e em suas redondezas, o que representava para a época, um importante núcleo de moagem e beneficiamento da cana-de-açúcar. A cidade foi elevada a condição de freguesia em 1835. O município situa-se a noroeste de Aracajú, distante deste cerca de 19 Km. Endereço: - Laranjeiras – SE. Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico - Inscrição:111 - Data:18-6-1996. Livro de Belas Artes - Inscrição: 604 - Data:18-6-1996. Livro Histórico - Inscrição: 538 - Data:18-6-1996 - Nº Processo: 1288-T-89”; disponível em: <<http://www2.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>, acesso em: 09 out. 2007.

<sup>9</sup> Segundo a Secretaria de Estado da Cultura (2006, p.42) o Governo do Estado de Sergipe possui o tombamento do: “Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade de Laranjeiras. Construções urbanas de caráter civil, institucional, residencial e religioso dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Decreto nº 2.048, de 12 de março de 1971. Inscrição no Livro de Tombo nº1 – Geral – fls. 03 e 04”.

desconhecido, tanto pelos pesquisadores locais, quanto os nacionais. São poucas as pesquisas que retratam a arte sacra em Laranjeiras, existem alguns estudos locais os quais somente pontuam a história e a fotografia dos monumentos que são de conhecimento do senso comum da região, geralmente as informações vêm de publicações realizadas pelo Governo do Estado de Sergipe ou de Bancos Estatais e que não provêm de um aprofundamento historiográfico a partir de informação primária, estando defasados e contraditórios, ou não tendo um enfoque mais aprofundado na arte da região<sup>10</sup>.

Em publicações nacionais, há a divulgação, porém superficial, de uma única igreja que é a de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba, que aparece nos estudos de Bazin (1983), de Nascimento (1981), e no Livro de Tombo do Iphan<sup>11</sup>. Já no livro de Tirapelli & Pfeiffer (2001), a igreja aparece equivocadamente como se fosse da região de Alagoas<sup>12</sup>. Já as demais igrejas, museus e arquitetura civil da cidade não são nem ao menos citadas superficialmente pelos pesquisadores nacionais. Portanto, um estudo mais detalhado das igrejas de Laranjeiras, contando com análise artística, é de fato essencial para se constituir como um novo capítulo na história do patrimônio cultural no Brasil.

## ARTE, RELIGIÃO E HISTÓRIA EM LARANJEIRAS/SERGIPE

Laranjeiras é uma cidade, dentre algumas, que é considerada patrimônio nacional, não obstante, quando se passeia por suas ruas a sensação é de uma retomada a tempos anteriores na história do Brasil, porque se vê estradas de pedra, igrejas localizadas em cima de morros, a manifestação de grupos folclóricos, residências com fachadas coloridas e ecléticas, dentre outras imagens históricas.

---

<sup>10</sup> Como é o caso dos livros *Laranjeiras: "um museu a céu aberto"*, editado pelo Banco do Nordeste do Brasil, e o livro *Sergipe Artístico e Monumental* de Nunes [et.al.] (2000), editado pelo Governo do Estado de Sergipe.

<sup>11</sup> Existe o seguinte registro da Igreja, segundo o que se consta no Arquivo Noronha Santos do IPHAN: "Igreja de Comandaroba (Laranjeiras, SE); outros nomes: Igreja de Nossa Senhora da Conceição; endereço: distrito de Comandaroba - Laranjeiras – SE; Livro de Belas Artes - Inscrição: 272-A, data: 23-3-1943; Livro Histórico - Inscrição: 207, data: 23-3-1943; nº processo: 299-T-41; observações: o tombamento inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/85, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN". Informações disponíveis em: <<http://www2.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>, acesso em: 2 jul. 2007.

<sup>12</sup> Adverte-se que as divulgações dessa igreja são em sua maioria exposições de fotografias de sua fachada e de simplórias informações artísticas e históricas, somente Bazin (1983) descreve com mais detalhes.

Situada na região que margeia o rio Cotinguiba em Sergipe, Laranjeiras desde cedo faz parte do início da história da colonização de Sergipe D'El Rey<sup>13</sup>, ainda no século XVI: “Com a vitória de Cristóvão de Barros, no início do século XVI, na região do médio rio Cotinguiba, em território da antiga freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Tomar do Cotinguiba, gerações mestiças fixaram residência à margem esquerda do rio” (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 1983, p.6).

A partir do documento exposto por Freire (1977, p.339), foi com a lei de 24 de fevereiro de 1840 que se traça os seus limites geográficos como região autônoma. Esse destaque se deu pelo fato de que Laranjeiras, a partir do século XVIII e durante o século XIX, teve um avanço em sua economia e, conseqüentemente, na sua urbanização e no seu patrimônio material - artístico e religioso. Segundo Almeida (1984, p.222), Laranjeiras e demais regiões próximas ao rio Cotinguiba tornaram-se centros comerciais ativos e a população estava ligada ao apogeu e declínio do cultivo de cana-de-açúcar da região.

Devido a essa quantidade de engenhos, os negros formam até hoje um grande contingente populacional em Laranjeiras, desenvolvendo suas crenças, suas características afro, suas religiões. Mas este fato não impossibilitou que em Laranjeiras, como em quase toda a região do Brasil colonial, houvesse uma miscigenação cultural. Não obstante, uma boa parte das igrejas foi erguida para os pobres, negros e mestiços, como é o caso da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos e a Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Contudo, a população branca, que vivia em próspera estabilidade econômica, construiu nos engenhos suas capelas e organizou-se em irmandades religiosas de ricos, as quais financiaram as mais suntuosas igrejas do centro histórico da cidade.

Portanto, não é de se admirar a considerável lista de mais de vinte monumentos religiosos em Laranjeiras. Diante de tantos templos, revela-se uma variedade de elementos religiosos e artísticos dentro das igrejas, com destaque aos altares. Portanto, para o estudo, opta-se por estudar três igrejas - Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba, Igreja Nosso Senhor do Bonfim, Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário - que se situam no centro histórico de Laranjeiras. O motivo do

---

<sup>13</sup> D'el Rey é um termo que na época representava o rei de Portugal e era uma expressão de uso obrigatório quando se referia às terras conquistadas pela metrópole; subjetivamente a palavra tem um sentido de poder, força, representando o domínio português perante a colônia. No território de Sergipe, a expressão Sergipe D'el Rey, em primeiro momento, ficou conhecida como se as terras fossem de posse portuguesa, porém, o título popularizou-se e tornou-se o nome de sua capital na época – a cidade de São Cristóvão.

recorte diante de tantas possibilidades, deu-se a partir de critérios como: boa conservação do local e dos altares, boa facilidade de acesso à igreja, maior importância religiosa. O estudo terá um caráter analítico em relação aos elementos artísticos da talha dos altares-mores, retratando os seus estilos.

Além disso, será realizado um princípio de pesquisa historiográfica, já que não se teve oportunidade de pesquisar em fontes primárias, pois não se encontrou os documentos necessários para cotejar os dados. Sendo assim, a obra de Oliveira (2005) servirá como base de estudo, já que nela o autor, que fôra cônego da cidade de Laranjeiras no início do século XX, escreveu algumas lembranças de Laranjeiras imbuídas na religião católica, expondo alguns fatos políticos, religiosos e artísticos do século XVI ao XX nessa cidade. Os seus livros, que possuem mais ou menos o mesmo conteúdo e tendo acrescentado poucas informações em cada um, servem como referência principal para a história da cidade de Laranjeiras e é notável que muitos estudiosos os tomam como base em suas pesquisas. Isso porque alguns argumentos do autor vêm com justificativa documental, porém a maioria é fruto de uma memória oral, que pode ser até próxima à realidade, pois a maioria das igrejas fôra erguida no fim da segunda metade do século XIX e ele viveu bem próximo a esse momento.

#### IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE COMANDAROBA



Foto 1: Fachada da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba

Cogita-se que a arquitetura da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba remete ao período colonial, porém, pouco se comprova sobre a sua história. O mais provável é que, assim como conta Oliveira (2005, p.55), foi erguida pelos jesuítas em 1731 para se tornar a segunda residência desses religiosos na região<sup>14</sup>. Tendo em vista que a primeira igreja erguida, segundo alguns autores, foi a igreja do Engenho Retiro, sabe-se que próximo a essas duas igrejas, já na cidade de Nossa Senhora do Socorro, pode-se encontrar a igreja do Geru; e que, além dessas, mais igrejas foram erguidas próximas a Laranjeiras pela Companhia de Jesus, fazendo com que se deduza que havia um grande domínio desses religiosos na região do rio Cotinguiba.

Sobre a Igreja de Comandaroba, Oliveira (2005, p.55) comenta que a obra é de fato dos Jesuítas porque tem as características da Ordem e no seu pórtico se encontra o monograma A.M.D.G. - Ad Majorem Dei Gloriam<sup>15</sup>. Em cima do arco da capela-mor lê-se *Tota Pulchra, es Maria*<sup>16</sup>; onde se deduz que foi realizada a favor da Imaculada Conceição.

Parece que a igreja foi construída e habitada pelos jesuítas, porém, têm-se registros de que após a expulsão desses religiosos, por volta de 1760, seus bens e terras foram leiloados às famílias da região. Conseqüentemente, a Igreja de Comandaroba ficou em posse de particulares, fato esse comprovado pela grande quantidade de túmulos no chão da igreja, contendo nomes de senhores de engenhos e suas famílias abastadas falecidas nos séculos XIX e XX. Devido a isso, supõe-se que a igreja também tenha sofrido algumas pequenas reformas que, provavelmente, foram realizadas pelos donos da propriedade e não por religiosos, mas nada que modificasse o seu interior e sua arquitetura deixados pelos jesuítas. Uma reforma foi detectada por Bazin (1983, p.177): “As torres foram substituídas por campanários-arcadas. Na porta de entrada, está inscrita a data de 1734. Talvez o estilo revelasse uma data um pouco anterior”.

Bazin (1983) e Nunes (1996) também detectaram nessa igreja uma influência da Companhia de Jesus principalmente pelo estilo classicista presente nos primeiros

---

<sup>14</sup> Data inscrita no pórtico da Igreja.

<sup>15</sup> Expressão latina: “Para maior glória de Deus”. Segundo Boff (2002, p.111-112): “Os arquitetos, escultores e pintores atuantes nas reduções eram membros da Companhia de Jesus. Alguns possuíam conhecimento artístico antes de entrar na Ordem; outros adquiriam logo após seu ingresso, por própria iniciativa ou indicação de seus superiores, sempre cultivando disposições pessoais e habilidades inatas, ‘Ad Majorem Dei Gloriam’”.

<sup>16</sup> Expressão latina que significa *Maria, és toda bela!*, remetendo à Imaculada Conceição.

séculos do período colonial e encontrados nos elementos arquitetônicos da igreja, pois de acordo com Costa (1941, p.106):

Para nós no Brasil, onde a atividade dos padres, já atenuada na primeira metade do século, foi definitivamente interrompida em 1759, as obras dos jesuítas, ou pelo menos grande parte delas, representam o que temos de mais ‘antigo’. Conseqüentemente, quando se fala aqui em ‘estilo jesuítico’, o que se quer significar, de preferência, são as composições mais renascentistas, mais moderadas, regulares e frias, ainda imbuídas do espírito severo da Contra-Reforma.

No altar-mor da Igreja de Comandaroba, pode-se notar claramente o estilo que fôra implantado pelos jesuítas em várias igrejas no Brasil.



Foto 2: Altar-mor da Igreja de Comandaroba  
Fonte: Roberta Bacellar Orazem, outubro de 2007

Apesar de não possuir o douramento que proporcionaria uma melhor visualização pictórica e contrastante, no altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Comandaroba encontra-se dois estilos artísticos, o posterior maneirista, com sua tendência clássica, junto ao barroco, com suas curvas e colunas retorcidas<sup>17</sup>. Ambos os

---

<sup>17</sup> Segundo Freire (2006, p.198) seria mais interessante se definir identidades formais do que realizar uma identificação estilística. Até porque sabe-se que no Brasil houve uma tendência a se hibridizar os estilos. Essa mistura de estilos foi muito recorrente no período colonial, principalmente porque houve influência de Portugal, ao mesmo tempo em que esta não ocorria de forma sincrônica aqui no Brasil, sempre era mais tardio. Além disso, como a arte de Sergipe foi influenciada pela da Bahia, por fazer parte dessas terras, pode ser que o hibridismo tenha ocorrido pela influência tardia na ornamentação do altar-mor, acarretando em mais de uma referência visual para o seu entalhamento.

estilos, segundo Costa (1941), foram trazidos ao Brasil pela Companhia de Jesus. Sobre o primeiro estilo o autor diz que:

(...) encontramos de início os belíssimos retábulos, tão bem compostos e eruditos, de fins do século XVI e primeiros decênios do século XVII, - a nossa 'antiguidade' - retábulos que, conquanto ainda não sejam propriamente barrocos, também já não são mais exclusivamente obras do Renascimento. Pertencem a fase de transição em que os traços renascentistas e barrocos se justapõem e confundem. Pós-renascentistas ou protobarrocos, as obras dessa fase formam, entre os dois movimentos, uma espécie de 'terra de ninguém'(COSTA, 1941, p.128).

No altar-mor da Igreja de Comandaroba, a influência maneirista dá-se a partir de elementos horizontais e retilíneos, denotando pouco dinamismo da arquitetura. A decoração remete a uma tendência espanhola, variação estilística muito presente nas igrejas maneiristas da América de influência hispânica, sendo chamada de estilo *plateresco*<sup>18</sup>.

Em relação ao segundo estilo de influência jesuíta, Costa (1941, p.128) comenta que:

Vamos encontrar retábulos de um estilo completamente diferente dos primeiros, tanto na composição como na talha, e cujo partido de colunas torsas repetidas em planos reentrantes, com arquivoltas concêntricas, recorda muito de perto o das velhas portadas românicas, apresentando ambos, apesar da distância no tempo, a mesma mistura de tradição romana e de inspiração oriental. O que talvez se explique por serem esses retábulos mais comumente franciscanos - ordem que tem a seu cargo, desde longa data, a guarda do Santo Sepulcro. Esse estilo, rico, severo e bonito, generalizou-se e, muito embora tenha perdurado até começos de setecentos, pode ser considerado o estilo seiscentista por excelência. Inclusive da Companhia de Jesus.

Apesar de não existir nenhum documento que revele a história da construção desse retábulo, através da análise visual do altar-mor da igreja de Nossa Senhora de Comandaroba, percebe-se uma característica híbrida, que por vezes sinaliza as influências dos jesuítas e, conseqüentemente, do início do período colonial, mas que por outro lado, mostra a presença do estilo barroco muito comum no Brasil no século XVII e, principalmente, no século XVIII. Isso talvez revele que a sua construção e criação pode ter sido mais tardia e se aproxime talvez da data mais recente de 1734 representada no seu pórtico.

---

<sup>18</sup> “É natural que assim fosse em países americanos colonizados pela Espanha e Portugal, metrópoles que, na verdade, foram espectadoras quase que passivas dos grandes movimentos renovadores da arquitetura a partir do Renascimento, recebendo as influências da Itália e da França como novidades digamos 'civilizadas', sem que tivessem capacidade de contrapor soluções locais de seus artistas. A identidade lusitana, por exemplo, enunciada pelo manuelino, logo depois das descobertas do Brasil, foi abafada pela onda italiana que ratificou em Portugal a contenção da linguagem classicizante, principalmente a maneirista, que preparou o terreno para os artistas do barroco. A partir daí, todas as correntes estilísticas que se sucederam no tempo europeu passaram a ser exercitadas aqui sem que uma anulasse a outra; de certa forma, reproduzindo o comportamento da Península Ibérica do tempo dos Filipes” (LEMOS, 1997, p.233).

## IGREJA DE NOSSO SENHOR DO BONFIM



Foto 3: Fachada da igreja do Bonfim  
Fonte: Roberta Bacellar Orazem, outubro de 2007

A igreja do Senhor do Bonfim tem uma construção mais tardia que a igreja de Comandaroba, porque segundo o que consta no documento oficial, o Capitão Domingos José de Moraes e a sua mulher Dona Maria Joaquina dos Santos, em 23 de agosto de 1836:

(...) por escritura pública fizeram o patrimônio da Capela do Senhor do Bomfim em vinte cinco braças de terras de Leste a Oeste com igual fundo de Norte a Sul no valor de duzentos mil réis. No centro deste terreno foi edificada a Capela azulada (...) faltando, porém, a torre, a sacristia, o retábulo, o trono, o coro, e o adro (OLIVEIRA, 2005, p.79).

Dessa igreja, mais adiante, o mesmo autor encontra a data de construção de sua capela-mor. Segundo documento assinado em 19 de fevereiro de 1856, a Irmandade do Bonfim contrata o entalhador Crispiniano José dos Santos para realizar:

(...) a obra do forro, trono, e retábulo da capela-mor, do arco-cruzeiro para dentro, pela quantia de um conto e quatrocentos mil réis, dando a Irmandade toda a madeira e mais necessários, adiantando a quantia de cem mil réis e por férias semanais durante a obra quantias de trinta mil réis e no fim a quantia que a Mesa lhe restar, dando-lhe também a condução.

Pode-se cogitar que a talha da igreja deve ter ficado pronta por volta de 1860 e que deveria ser de um bom trabalho técnico e artístico, pois se tem comprovação do pagamento a um entalhador, e se sabe que a Irmandade do Bonfim, na época, foi bem

requisitada pelos senhorios ricos. Entretanto, esse conjunto de talha, o qual o documento se refere, não é o que atualmente existe na Igreja do Bonfim, porque os trabalhos em madeira - talha e teto - foram destruídos devido a um incêndio ocorrido, provavelmente em 1990. O patrimônio material que se encontra, hoje em dia, na igreja do Bonfim foi retirado de uma Igreja de engenho, intitulada Jesus Maria José. Segundo o que consta em uma placa pendurada na parede da Igreja do Bonfim, em setembro de 1994, foi realizado pela prefeitura de Laranjeiras a transferência, restauração e montagem do altar-mor, altares laterais e do forro da capela-mor.

A Igreja Jesus Maria José que, segundo Oliveira (2005, p.61), situava-se em um engenho às margens do rio Sergipe, região da freguesia de Jesus, Maria, José do Pé Branco, é de construção mais antiga que a do Bonfim e foi idealizada para ser capela de Engenho no século XVIII, aproximadamente em 1757. Um fato lamentável é que atualmente essa igreja se encontra abandonada, em estado de ruínas. A respeito disso, sabe-se que na década de 80 uma publicação do Banco do Nordeste já havia atentado para seu considerável patrimônio material e para o seu abandono pelas autoridades:

Igreja Jesus Maria José - Apresenta externamente corredores laterais abertos em arcadas. No seu interior resguarda suas obras de arte em talhas e painéis pintados no teto da nave e da capela-mor. Tombada pela Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), encontra-se abandonada, tendo em vista, talvez, o seu difícil acesso (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 1983, p.28).

Portanto, o seu patrimônio foi removido para a igreja do Senhor do Bonfim que está situada no centro histórico de Laranjeiras, em um ponto de boa localização e visualização, em cima de uma colina. No altar-mor de Jesus Maria José (atual do Bonfim), percebe-se a presença marcante do estilo artísticos híbrido entre o barroco e o rococó e de uma qualidade técnica elevada, demonstrando o alto poder aquisitivo dos donos daquele engenho.



Foto 4: Altar-mor da igreja do Bonfim  
Fonte: Roberta Bacellar Orazem, outubro de 2007

O estilo rococó surgiu no Brasil na segunda metade do século XVIII e perdurou ainda no início do século XIX. Assim como quase todos os estilos artísticos que predominaram em alguns retábulos e na arquitetura no Brasil, o rococó teve certas hibridizações com o estilo barroco, em primeiro momento, e com o neoclássico, no século XIX, assim, é difícil de saber distinguir um estilo barroco do rococó. Até mesmo os pesquisadores têm o hábito de generalizar o rococó como fase última do barroco, porém Oliveira (2003, p.20) não concorda e alerta para que os diferencie como estilos artísticos autônomos.

No altar-mor da igreja do Bonfim de Laranjeiras, percebe-se de fato uma predominância desse hibridismo. Alguns dos elementos podem até remeter ao barroco, principalmente quando se visualiza as colunas do altar-mor, porém o que destaca o rococó é uma maior elegância, menor profusão de elementos e, principalmente, uma diminuição considerável do preenchimento dourado e uso de cores claras, assim como na talha da igreja do Bonfim.

Apesar de não se ter o contato com documentos os quais possam confirmar o autor e a época da talha atual da Igreja do Bonfim, pelas informações do momento em que a Igreja Jesus Maria José foi erguida e pelo conhecimento de que em Laranjeiras os engenhos prosperaram principalmente no final do século XVIII e no início do século

XIX, pode-se cogitar esse período como sendo o de construção do retábulo-mor. E, ao contemplar esse elemento ainda nos dias atuais, percebe-se toda a sua beleza, que é fruto de um trabalho bem desenvolvido, talvez realizado por um entalhador e pintor bem conceituados na região, ou que talvez foi encomendado em outra região.

## IGREJA DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO



Foto 5: Fachada da igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário  
Fonte: Roberta Bacellar Orazem, outubro de 2007

A igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário foi erguida por irmandades de negros e mestiços, sua monumentalidade e suntuosidade artística é menos percebida, porém não se pode negar a qualidade, a beleza e a importância de sua arte, provando a forte devoção do povo daquela época e a vontade de decorar suas igrejas da melhor forma possível. Oliveira (2005, p.80-81), descreveu a igreja da seguinte forma:

Modesta, simples e ainda não concluída, (...) a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que tem cem palmos de comprimento, quarenta de largura, uma sacristia, um consistório, um púlpito, um coro e três altares com as imagens de Nossa Senhora do Rosário, S. Gonçalo, Santo Antônio e S. Benedito de S. Filadelfo, assim chamado porque nasceu na aldeia de S. Filadelfo da Cecília.



Foto 6: Altar-mor da igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário  
Fonte: Roberta Bacellar Orazem, outubro de 2007

Mais uma vez não se tem documentos sobre o seu altar-mor, porém Oliveira (2005) cita que no final do século XVIII já existia essa igreja na freguesia de Laranjeiras.

Os elementos do altar-mor dessa igreja remetem a um hibridismo entre os estilos artísticos rococó e neoclássico, buscando algumas poucas referências barrocas. Essa prática foi muito comum no Brasil, principalmente a partir da metade do século XVIII e durante todo o século XIX. Segundo Freire (2006, p.147), “a transição de um padrão para o outro foi sendo concebida e aplicada ao longo da segunda metade do século XVIII, mas a riqueza iconográfica e cromática da ornamentação barroca perdurou por muito tempo”.

De acordo com Motta & Ramos ([s.d.], p.13):

Os retábulos neo-clássicos surgiram na esteira do renascimento deste estilo, a partir da descoberta da ruínas de Pompéia e Herculano. Há um retorno à forma retilínea, com todos os elementos característicos da arquitetura clássica (...). Estes retábulos foram utilizados durante a primeira metade do século XIX.

No altar-mor da Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, presencia-se a pintura de tons claros, havendo uma ausência de douramentos, talvez pelas condições financeiras da Irmandade.

Os ornatos do altar-mor da igreja de São Benedito é mais simples, mas parece que o entalhador teve inspiração naquela solução formal da Igreja de Comandaroba, ou isso comprova o constante hibridismo de estilos na talha em Laranjeiras. Parece que esse é o altar-mor que foi idealizado de forma mais recente do que os demais estudados, se não for um dos mais recentes da região, remetendo sua construção ao final do século XIX ou adentrando o início do século XX.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar as igrejas da cidade de Laranjeiras emergiu alguns pontos que ainda não tinham sido visualizados pelos pesquisadores. A partir do momento em que se estudou os altares em conjunto, apesar de ter sido uma escolha bem seletiva, pôde-se abranger mais as deduções a respeito do patrimônio histórico e artístico de Laranjeiras.

Pelo fato do trabalho não ter sido exaustivo, algumas lacunas na parte da pesquisa historiográfica surgiram ou perduraram, como o fato da necessidade de se encontrar a documentação primária para se cotejar com os dados orais e bibliográficos. Deve-se necessariamente pesquisar os livros das Irmandades, que foram bem ativas, principalmente nos séculos XVIII e XIX, e os testamentos, os inventários e os atestados de óbitos dos senhores de engenho e de artistas em Laranjeiras/SE.

Pelos elementos decorativos e pela morfologia dos altares-mores, notou-se uma certa coerência de estilos, até mesmo, cogita-se que naquele período, principalmente o século XIX que foi o florescimento da cidade, haviam artistas interligados ao que acontecia na arte do Brasil e no mundo, pois as influências seguiram as tendências nacionais. Todavia, percebeu-se um certo atraso temporal na execução artística dos altares, fato recorrente na história da arte brasileira.

Por fim, percebe-se que a arte religiosa em Laranjeiras/Sergipe tem uma rica variação estilística de vários períodos históricos, seguindo regras artísticas parecidas com as de regiões demasiadamente estudadas no Brasil, ou possuindo soluções formais artísticas originais e peculiares. Por esses fatores, deve-se considerá-la um capítulo visível da história da arte brasileira, constituindo-se como um foco importante para os estudos do patrimônio cultural ibero-americano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTE ELETRÔNICA

- ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. *Sergipe: fundamentos de uma economia dependente*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1964.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. *Laranjeiras: “um museu a céu aberto”*. Fortaleza : Banco do Nordeste do Brasil, 1983.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2.v.
- BOFF, Claudete. *A imaginária guarani: o acervo do museu das missões*. São Leopoldo-RS: Unisinos; Capes, 2002. (Dissertação do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em História). Disponível em: <[http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2002\\_mest\\_unisinos\\_claudete\\_boff.pdf](http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2002_mest_unisinos_claudete_boff.pdf)>, acesso em: 02 jul. 2006.
- FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. Petrópolis-RJ: Vozes; Aracaju-SE: Governo do Estado de Sergipe, 1977.
- FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. . *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006.
- LEMOS, Carlos. No Brasil, a coexistência do maneirismo e do barroco até o advento do neoclássico histórico. In: ÁVILA, Affonso (coord.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997. (Coleção stylus; 10).
- MOTTA, Ângela; RAMOS, Orlando. Retábulo e elementos em cantaria da Igreja do Convento dos Reis Magos, Nova Almeida – Espírito Santo. In: RESTAURO. *Cadernos de Restauração*. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, [s.d.].
- NASCIMENTO, José Anderson. *Sergipe e seus monumentos*. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 1981.
- NUNES, Maria Thétis [et.al.]. *Sergipe artístico e monumental: 500 anos do descobrimento do Brasil*. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sergipe colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OLIVEIRA, Filadelfo Jonatas. *História de Laranjeiras católica*. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 2005.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. *Monumentos sergipanos: bens protegidos por lei e tombados pelos Decretos do Governo do Estado*. Aracaju: Gráfica Sercore, 2006.
- TIRAPELLI, Percival; PFEIFFER, Wolfgang. *As mais belas igrejas do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2001.